

LEITURAS DE UM ROMANCE SOBRE O PRAZER DE LER ROMANCES

Marcia Valeria Sampaio

Orientadora: Stefania Chiarelli

Doutoranda

RESUMO: Este artigo parte da hipótese de que todo leitor deve sentir uma inquietação decorrente da percepção de que, nem sempre, o prazer está associado ao ato de ler. Afinal, não há como negar a existência de uma relação fetichizada do leitor com o livro, ou mesmo de um “não-leitor” com o livro. Depende de cada indivíduo e de sua concepção pessoal e subjetiva o valor a ele atribuído e projetado. Vê-se, então, inevitável a escolha de *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, como ponto de partida de minha pesquisa pois, apesar de tratar-se de “um romance sobre o prazer de ler romances” - como certa vez definiu o autor -, não deixa de reconhecer, e até mesmo incentivar, as características hedonistas da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Italo Calvino; leitor; prazer de ler; livro.

Introdução

Muito se escreve sobre literatura, seu papel na formação do indivíduo e da sociedade. Mas pouco se discute o porquê da necessidade orgânica e simbiótica que existe nessa relação; a razão fundamental que faz alguém optar, voluntariamente, por se isolar do mundo real para mergulhar numa viagem solitária pelo “mundo de papel”. Fala-se da consequência e pouco da causa. A verdade é que se lê por obrigação, profissão, hábito, necessidade ou mesmo interesse intelectual. Mas também – e principalmente – pode-se e deve-se ler pelo simples prazer de ler, sem possíveis culpas ou constrangimentos por conta do hedonismo latente que essa possibilidade revela.

Por outro lado, não há como negar a existência de uma relação fetichizada do leitor com o livro. Ou mesmo de um “não leitor” com o livro. Isto porque nem sempre é preciso ler para ter, colecionar, ou mesmo se obcecar pelos livros. Afinal, à princípio, estes nada mais são que objetos inanimados. Depende, assim, de cada indivíduo e de sua percepção pessoal e subjetiva o valor a eles atribuídos e projetados. Como analisa Remo Bodei, “investimos em objetos intelectual e emocionalmente, damos-lhes significados e qualidades sentimentais” e,

dessa forma, “os colocamos em cofres de desejo ou os envolvemos em revestimentos repelentes, os situamos dentro de sistemas de relacionamentos, os inserimos em histórias que contamos sobre nós mesmos ou outros” (BODEI, 2015, pag.21 – tradução minha).

A saga dos livros perdidos no livro de Italo Calvino

Um leitor – neste caso, eu, você, ou quem quer que esteja lendo *Se um viajante numa noite de inverno* – segue até uma livraria para adquirir o mais recente romance de Italo Calvino. Na sequência, a descrição de um processo bastante comum e familiar a todos os amantes de livros: a inevitável excitação que nos acomete ao adentrar aquele ambiente repleto de encadernações dos mais variados tipos e tamanhos; a instantânea e voluptuosa atração que sentimos por aqueles objetos espalhados pelas incontáveis prateleiras em compridos corredores; o cheiro do papel novo, recém prensado ou apenas não manipulado, exalando a promessa velada de um mundo inteiro a ser descoberto. Não há como negar que a sensação é muito prazerosa, quase sensual.

Sáímos da loja e cada um de nós, leitores, seguiu seu caminho de ansiedade e expectativa pelo início da leitura. Em outras circunstâncias, diria que cada um percorreu o próprio rumo com seu livro em mãos e fim da questão. Mas em se tratando de *Se um viajante numa noite de inverno*, o narrador insiste em guiar nossos percursos. Ele também incita e prevê nossas ações e reações. Sugere a nós, leitores, que encontremos a posição mais adequada e confortável; depois expõe despididamente nossos rituais privados de pré-leitura e ainda nos alerta sobre o desejo (nem tão) inconsciente que nos fez escolher este título em especial. Por fim, desvela nossa principal expectativa acerca da leitura que está por vir: a apropriação da “novidade do primeiro instante”, afinal, “um livro recém publicado lhe dá um prazer especial, não é apenas o livro que você está carregando, é também a novidade contida nele” (CALVINO, 1999, p.15), ele afirma. Mas, logo em seguida, explica condescendente que “como todo prazer preliminar, este também deve durar um tempo conveniente e pretender apenas conduzir ao prazer mais consistente, à consumação do ato, isto é, à leitura do livro propriamente dito” (Ibidem, p.16-17).

Basta de rodeios. Chega de preliminares. Agora é hora de ler. Abrimos o livro, e o romance começa numa estação ferroviária. Lá está o cenário cinzento, a fumaça, postes, um bar e um homem. Quem é esse homem? Ele apenas diz se chamar “eu”. Na verdade, confesso, todo suspense ao redor da trama me deixa bastante curiosa. O Leitor também aparenta

interesse, em especial na figura feminina que irrompe na página vinte e sete. Poucas páginas depois, termina o capítulo 1, e justo no ápice de um acontecimento inesperado (nitidamente uma estratégia para envolver a nós, leitores, pouco a pouco no enredo). Chegamos ao início do capítulo 2 e, logo na primeira frase, o autor/narrador nos alerta que algo está errado: as páginas estão se repetindo. Da trinta e dois voltamos para a dezessete. E agora, o que fazer? A solução lógica é trocar o objeto em questão. E após uma noite longa, difícil e frustrante de espera, eis que o dia amanhece e corremos até a livraria. O Leitor entra afoito no estabelecimento, projeta-se tenso em direção ao vendedor que, prevenido, já anuncia possuir uma nota da editora com a explicação e a solução do problema:

Na expedição dos últimos lançamentos de nosso catálogo, parte da tiragem do livro *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, apresenta falhas e deve ser retirada de circulação. Por um erro de encadernação, as folhas do referido volume estão misturadas às de outro livro, o romance *Fora do povoado de Malbork*, do polonês Tatus Bazakbal. A editora pede desculpas pelo desagradável contratempo e se compromete a substituir os exemplares defeituosos o mais rápido possível. (CALVINO, 1999, p.35)

Um erro de encadernação misturou duas histórias completamente diferentes. E ao comunicar que o livro de Calvino continha folhas do romance de Bazakbal, a editora não solucionou um problema, mas desencadeou um conflito: e se agora não quisermos mais ler *Se um viajante numa noite de inverno* e sim *Fora do povoado de Malbork*, aquele cuja história foi interrompida em plena plataforma ferroviária? Pois é exatamente isso que acontece com o Leitor. E ele não está sozinho nesta empreitada. Eu também quero saber o que acontece depois que o “eu” entrou naquele trem. A similaridade do dilema faz o livreiro apontar a moça que vasculha as estantes da livraria em busca do tal livro polonês.

Então, eis que se dá o momento em que acontece minha tão ansiada entrada no romance. Sim, falo de mim. Eu, Leitora. A “Terceira Pessoa necessária para que este romance seja um romance, para que entre a Segunda Pessoa masculina e a Terceira Pessoa feminina algo aconteça” (Ibidem, p.145). No entanto, por mais que agora eu também esteja aqui, é ao Leitor que o “você” do texto se refere, para “deixar aberta ao Leitor que lê a possibilidade de identificar-se com o Leitor que é lido”. Cabendo a mim, Leitora, a certeza da permanência como um “dos vocês possíveis” (Ibidem, p.151). De toda forma, agora estamos juntos, e a partir deste encontro literário nós, Leitor e Leitora, embarcamos como cúmplices numa saga à

procura de dez livros iniciados que, em razão de adversidades alheias à nossa vontade, foram interrompidos.

A leveza como fonte de prazer

Com uma narrativa precisa e incomum, *Se um viajante numa noite de inverno* traça um diálogo improvável entre autor, narrador, personagem e leitor, num jogo estilístico onde todo tempo é questionada a identidade de cada um dos sujeitos participantes desse diálogo criativo. Como afirma Compagnon, “Haveria, assim, em todo texto, construído pelo autor e complementar ao autor implícito, um lugar reservado para o leitor, o qual ele é livre para ocupar ou não”. E a consequência é que “o autor implícito se dirige ao leitor implícito, lança as bases de seu pacto, define as condições de entrada do leitor real no livro” (2010, p.148). Esse movimento de experimentação estética se adéqua à lógica da narrativa de Italo Calvino em que, muitas vezes, autor e leitor “se encontram perdidos no jogo da escrita, jogam juntos uma mesma partida, na qual o autor deve subverter as regras impostas para criar seus textos, enquanto o leitor deve aceitar o jogo da obra procurando vencer cada dificuldade implantada pela escrita” (MOREIRA; FERRAZ, 2014, p.81). Assim, o que percebemos logo nas primeiras páginas do romance é o tom da obra calviniana: irônica, perspicaz, complexa e refinada. Sem que para isso seja preciso abrir mão do bom humor, da diversão e da *leveza*.

Embora o prazer não esteja atrelado, necessariamente, a um texto chistoso e tencionado à comicidade, é por esse caminho que Calvino escolhe seguir para envolver e entreter seu leitor. Em sua já icônica série de conferências Norton – compiladas no livro *Seis propostas para o próximo milênio* –, o escritor italiano fala especificamente sobre a leveza na escrita, admitindo sua propensão e esforço para retirar todo o peso da estrutura narrativa por acreditar que “a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta” (CALVINO, 1990, p. 24). Para ele, cabe ao autor o uso adequado da linguagem capaz de proporcionar ao leitor uma sensação frutiva. O que não significa apresentar uma história superficial ou fugaz. Afinal, “não podemos admirar a leveza da linguagem se não soubermos admirar igualmente a linguagem dotada de peso” (Ibidem, p.29). Em outras palavras, Calvino derruba a ideia de que uma obra só é boa e relevante quando sisuda, dramática e pesada, ao vincular a percepção e a busca da leveza como um contraponto da experimentação do peso, um antídoto ao fardo de viver.

A valorização da leveza, então, pode ser entendida como uma preocupação em propiciar prazer através do divertimento, uma vez que Calvino também foi “importante propagador do prazer da leitura. O escritor italiano não deixava de afirmar em depoimentos, ensaios e na própria ficção o desejo de que seus leitores se divertissem” (CHIARELLI, 2016). Pensamento este compartilhado por Umberto Eco que, em o *Pós-escrito a O Nome da Rosa*, já aponta para a necessidade de divertir o leitor ao confessar: “Eu queria que o leitor se divertisse. Pelo menos, tanto quanto eu estava me divertindo. Este é um ponto muito importante”. E ao defender o direito da diversão na leitura, não deixa de ressaltar: “divertir não significa di-verter, desviar dos problemas” (ECO, 1985, p.48). Penso existir, então, um consenso bastante pertinente acerca da ideia de que “diversão e leveza não equivalem à ausência de reflexão” (CHIARELLI, 2016).

De toda forma, acredito que embora *Se um viajante numa noite de inverno* se apresente sob o signo do riso, da leveza e da diversão, a primeira reflexão proposta é bem particular e diz respeito ao interesse legítimo do autor em interagir, dialogar e, principalmente, despertar em seu leitor o prazer pela leitura, independente do gênero literário a que esta pertença. E confessa: “Mais que identificar-me com o autor de cada um dos dez romances, procurei identificar-me com o leitor – representar o prazer da leitura deste ou daquele gênero, mais que o texto propriamente dito” (CALVINO, 1999, p.266). Isto se clarifica ao percebermos que os romances interrompidos que compõe *Se um viajante* possuem estilos diversos e, em todos eles, se evidencia que o maior cuidado do autor é o de envolver o leitor na história, de forma que este se sinta compelido, sem medir esforços, a dar continuidade à leitura.

Situação esta também retratada no conto “A aventura de um leitor”, onde Amedeo Oliva, um “leitor de verão”, vive um dilema entre iniciar uma interação com a “senhora bronzeada” que conhece na praia ou permanecer distante e mergulhado na leitura de *A Cartuxa de Parma*, de Stendhal. Uma vez que o contato é estabelecido, o protagonista vive momentos de anedótica tormenta tentando conciliar a sedução à leitura do romance, mas sempre privilegiando esta última opção porque: “Não adiantava, nada igualava o sabor de vida que está nos livros [...] Não havia outra história, outra espera possível além daquela que ele deixara em suspenso entre as páginas onde estava o marcador, e todo resto era um intervalo vazio” (CALVINO, 1992, p.91 e 92). O que se percebe na narrativa de Calvino é que o autor parte da lógica de que, para falar sobre o prazer de ler, é preciso se debruçar sobre

aquele que o sente. Constatar essa verdade durante a leitura de “A aventura de um leitor” e, mais especificamente, de *Se um viajante numa noite de inverno*, onde a cada página nos identificamos e nos sentimos representados de alguma maneira pelo Leitor ou pela Leitora – ou por ambos.

O livro como fonte de prazer

Se o sentimento de representação de nós mesmos num texto suscita a ideia de valor e pertencimento, também nos faz questionar a forma como passamos a nos relacionar com a literatura e com os livros, e a pensar no tipo de leitor que somos ou nos tornarmos:

E serão ali também configurados vários tipos de leitores. Alguns ocasionais, ecléticos, estilo franco atirador. Outros, por vocação, para quem a leitura é um modo de estar no mundo. E ainda um terceiro tipo, o Não-Leitor, alguém que aprendeu a não ler, e procura nos livros matéria para debate ou para engordar uma tese acadêmica. Sinaliza a leitura burocratizada e pouco afeita à navegação que busca o ancoradouro a acolher com segurança: a grande biblioteca, no dizer do narrador. E Ludmilla, a leitora por prazer desinteressado, aquela que faz parte do grupo dos que 'se satisfazem em lê-los e amá-los'. (CHIARELLI, 2016)

Neste ponto retornamos a uma questão que, claramente, preocupava Calvino no que diz respeito ao futuro do leitor e da própria literatura. Como lembra Ligia Cademartori, além dos leitores que leem por prazer e mesmo amor, no romance ainda “existe um terceiro tipo de leitor a quem o narrador satiriza de modo impiedoso. É aquele que não lê por prazer, porque a literatura, de fato, pouco lhe interessa”. E explica: “O que ele busca nos livros é, apenas, matéria para debate, algo que possa render, quem sabe, uma monografia, uma dissertação, é possível que até dê uma tese ou, pelo menos, que sirva para sustentar uma *performance* numa mesa-redonda”. Por fim, é incisiva ao afirmar: “Quando fala desse tipo de leitor, o humor de Calvino se torna sarcástico para retratar o que existe de caricatural no ambiente acadêmico e a relação esquizofrênica que, muitas vezes, nele se mantém com o livro” (CADEMARTORI, 2009, p.93). Ou seja, mais que um tratado sobre o ato de ler, *Se um viajante* também é “um livro que pode ser pensado como um texto de teoria literária. É ficcionalização e é pastiche das teorias contemporâneas” (CHAVES, 2001, p.16). Como também dos apreciadores de livros que não leem livros.

Caso de um dos personagens de *Se um viajante*, Innerio, amigo de Ludmilla e autoproclamado “não-leitor”, visto que não lia nunca. No entanto, adorava os livros, precisava deles para fazer sua própria arte: “esculturas, quadros, como quiser chamá-los”. Já havia feito

“até uma exposição” com suas obras de livros fixados em resina e, futuramente, sonhava publicar seu próprio livro, como gostava de explicar, “com fotos de todos os meus livros”. E sonhava: “Quando esse livro for impresso, eu o usarei para fazer outra obra, muitas obras. Depois será feito outro livro, e assim por diante” (CALVINO, 1999, p.153). Ele não se importava com o conhecimento intelectual, o crescimento enquanto indivíduo, não vivenciava o desconforto que transforma, nem o mundo de experiências e histórias escondidas entre tantas páginas por ele folheadas. Irnerio apreciava os livros porque estes eram objetos úteis, ferramentas, fontes de inspiração para sua arte e seu almejado sucesso. Vivia imerso no mundo dos livros e por eles mantinha sincera fascinação e inegável sensação de prazer. Só que não para fins de leitura.

Ao falar do não-leitor calviniano, impossível não associá-lo a algum tipo burlesco e híbrido do “louco dos livros”. Em 1494, Sebastião Brant publicou um livreto de versos alegóricos chamado *A nau dos insensatos* recheados de ilustrações para acompanhar o texto. Uma dessas imagens é o *Buchernarr*, ou, o “louco dos livros”, que vem a ser a figura de um “homem cuja loucura consiste em se enterrar nos livros”. Ele usa um gorro para dormir e esconder as orelhas de asno, um óculos sobre o nariz e um espanador para afugentar moscas que tentam pousar nos livros (MANGUEL, 1997, p.331). Mais tarde, em 1509, Geiler von Kaysersberg se aproveitou da já famosa figura do “erudito idiota de óculos” de Brant para proferir sete sermões que descreviam o *louco dos livros* em sete tipos distintos: o louco que coleciona livros por ostentação; o que deseja ficar sábio consumindo livros em excesso; o idiota que coleciona livros sem realmente lê-los por inteiro; o louco que ama os livros excessivamente ornamentados com flores e arabescos; o idiota que encaderna os livros com panos suntuosos; o idiota que escreve livros mal escritos sem nunca ter lidos os clássicos e sem nenhum conhecimento decente de ortografia, gramática e retórica, apenas pra ter seu nome ao lado dos grandes escritores; e aquele que despreza completamente os livros e zomba da sabedoria que se pode obter com eles. (Ibidem, p.334).

No entanto, dentre os sete tipos de idiotas listados por Geiler, o mais famoso e reconhecível é aquele que coleciona livros por ostentação. Ainda hoje, ao entrarmos num ambiente habitado por um não-leitor ostensivo, percebemos logo que “em cada prateleira enfileiravam-se dois ou três livros, para decoração, justamente como fazem os maus arquitetos, que arranjam para o cliente um *pedigree* de falsa cultura, deixando espaço para vasos Lalique, fetiches africanos, pratos de prata, garrafa de cristal” (ECO, 2005, p.104).

Obviamente, para um leitor que ama o texto por si mesmo, ver um livro resumido a um simples objeto decorativo com a finalidade de alardear uma pseudo intelectualidade soa quase como heresia, afinal, o mais importante do livro é, de fato, o que ele contém: a literatura que “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2009, p.24). Todavia, não podemos negar que, este mesmo leitor indignado com a futilidade com que uma obra literária pode ser tratada, também mantém uma relação com o livro que vai além do prazer do ato de ler, da leitura propriamente dita. Ora, os leitores também ostentam prateleiras recheadas de livros pela casa; gostam de exibir seus volumes mais bonitos e imponentes em algum lugar de destaque; sentem orgulho e ciúmes de suas obras mais valiosas. Como confessa Alberto Manguel:

Digo a mim mesmo que os trouxe [livros] para dentro de casa por algum motivo e que esse motivo pode surgir novamente no futuro. Invoco desculpas: meticulosidade, raridade, uma vaga erudição. **Mas sei que a razão principal de me apegar a esse tesouro sempre crescente é uma espécie de ganância voluptuosa.** Adoro olhar para minhas prateleiras lotadas, cheias de nomes mais ou menos familiares. **Delicio-me ao saber que estou cercado por uma espécie de inventário da minha vida, com indicações do meu futuro.** (MANGUEL, 1997, p.269 – negrito meu)

O que difere o não-leitor do leitor apaixonados pelo livro enquanto objeto, neste caso, é o sentido de valor dado a este, “pois o que torna os objetos expressivos são as expressões humanas projetadas nesses objetos. Os objetos são apenas reflexos de nós mesmos... e cada qual expressa um ponto de vista diferente, uma interpretação diferente, um diferente estado de espírito. Cada ângulo visual significa uma atitude anterior. Não há nada mais subjetivo que o objetivo” (XAVIER, 1983, p.93-97). Assim, enquanto o não-leitor apenas se preocupa em exibir e forjar um conhecimento e uma cultura que não lhe pertencem, sem maiores apegos afetivos, o leitor se deleita ao contemplar seus livros por saber que neles, de fato, encontra ou encontrará o conhecimento, um mundo de histórias e possibilidades, respostas a questões do passado e indagações sobre o futuro. Existe, então, uma motivação latente que busca a sabedoria, a emoção, a comoção, o prazer solitário de imaginar e descobrir esse universo de delícias que se esconde entre as folhas de um livro. Porém, há de se considerar que, desde sempre, “o livro indicava autoridade, uma autoridade que decorria, até na esfera política, do saber que ele carregava” (CHARTIER, 1998, p.84). E esta “autoridade”, nada mais é que uma sensação de poder, um tipo de orgulho proveniente de uma possível superioridade intelectual que eleva os “verdadeiros leitores”, os “grandes dignitários do

saber”, ao patamar de seres “especiais”. Existe, então, nesta relação leitor-livro uma possessividade orgulhosa e ciumenta, como esclarece Manguel:

Ainda hoje, afogados como somos em dezenas de edições e milhares de exemplares idênticos do mesmo livro, sei que o volume que tenho nas mãos, aquele volume e nenhum outro, torna-se o Livro. Anotações, manchas, marcas de um tipo ou de outro, um certo momento e lugar caracterizam aquele volume como se fosse um manuscrito inestimável... **mas o desejo subjacente, o anseio de ser, ao menos por um momento, o único capaz de chamar um livro de meu, é comum a mais homens e mulheres honestos do que talvez estejamos dispostos a reconhecer** (MANGUEL, 1997, p.277 – negrito meu)

O que indago aqui é a possibilidade de, apesar das relações e motivações iniciais bastante distintas, no final nas contas, tanto o não-leitor quanto o leitor verem no objeto-livro uma fonte de narcisismo e jactância. Nada absurdo pois, como já filosofava Salomão sobre a humanidade, bem antes do advento da filosofia e ascensão dos pensadores gregos, “ vaidade de vaidades, tudo é vaidade”¹.

Referências

BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional, 2003.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BODEI, Remo. *The life of things, the love of things*. Translate Murtha Baca. Fordham University Press: New York, 2015.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHIARELLI, Stefania. “Dissenso, consenso: arte e divertimento”. Z Cultural: Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, UFRJ, ano XI 02. Disponível na internet: < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/>> ISSN 1980 9921.

¹ Eclesiastes 1:2 (livro filosófico de Salomão).

CHAVES, Maria Lúcia de Resende. *Que história aguarda, lá embaixo, seu fim?... Uma leitura de Se um viajante numa noite de inverno, de Ítalo Calvino*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECO, Umberto. *Pós escrito a O nome da rosa*. Tradução Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOREIRA, Maria Elisa R.; FERRAZ, Bruna F. "Ítalo Calvino e a literatura em jogo: reflexões sobre o processo criativo calviniano". PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, Vol.10. N.01, Jan/Jun de 2014.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. 5ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

XAVIER, Ismail (Org). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasil, 1983.